



VOLUME - V.2

NÚMERO - N.1

DEZ. - 2024

ISSN: 2966-1439

P.46-60

LÍNGUA E LINGUAGEM COMO MÁQUINAS DE TEAR: RETECENDO LÁGRIMAS, RASGOS E RISOS NAS MEMÓRIAS DE SUBJETIVIDADES GAYS

LANGUAGE(S) AS WEAVING MACHINES: REWEAVING TEARS, RIPS, AND
LAUGHTER IN THE MEMORIES OF GAY SUBJECTIVITIES

Raulino Batista Figueiredo Neto¹
César de Jesus da Silva Filho²

RESUMO:

Este artigo reflete sobre a interseção entre identidades gays, língua e instituição de ensino, com ênfase na influência da cisheteronormatividade sobre as subjetividades dissidentes em perspectiva escolar e familiar. Utilizando narrativas memorialísticas, atravessadas por reflexões teóricas em estudos da língua, o texto analisa o papel da escola e da família como um Aparelho Ideológico de Estado que reproduz normas excludentes e reforça o silenciamento das identidades *cuir*. Assim, a língua, entendida como performativa, emerge como instrumento tanto de opressão quanto de resistência, onde o silêncio/mascaramento identitário é também entendido como uma estratégia auto protetiva, corporal e discursiva. A análise explora como a interação entre corpo e língua molda as vivências escolares e familiares de subjetividades gays, frequentemente instadas a adaptar suas performances identitárias para se proteger em um ambiente que as marginaliza. Desse modo, o artigo discorre sobre a importância da resignificação da relação entre corpo, identidade e língua, defendendo a necessidade de reflexões que rompam com as normativas de exclusão e promovam o reconhecimento das identidades dissidentes como expressões subjetivas de pleno direito.

Palavras-chave: Identidade Gay. Língua. Escola. Subjetividade. Memórias.

¹ Doutor em Língua e Cultura -UFBA e professor Adjunto A da Universidade do Estado da Bahia - UNEB - Campus XIV, e-mail: rneto@uneb.br

² César de Jesus Silva Filho é especialista em Gênero, Raça/Etnia e Sexualidade - UNEB e mestrando em Língua e Cultura - UFBA, e-mail: cesarfilho14live@hotmail.com

ABSTRACT:

This article reflects on the intersection of gay identities, language, and educational institutions, emphasizing the influence of cisheteronormativity on dissident subjectivities from both school and family perspectives. Utilizing memorial narratives intertwined with theoretical reflections from language studies, the text analyzes the role of schools and families as an Ideological State Apparatus that reproduces exclusionary norms and reinforces the silencing of queer identities. Thus, language, understood as performative, emerges as both a tool of oppression and resistance, where identity silence/masking is also seen as a self-protective, bodily, and discursive strategy. The analysis explores how the interaction between body and language shapes the school and family experiences of gay subjectivities, often urged to adapt their identity performances to protect themselves in a marginalizing environment. Therefore, the article discusses the importance of re-signifying the relationship between body, identity, and language, advocating for the need for reflections that break with exclusionary norms and promote the recognition of dissident identities as fully legitimate subjective expressions.

Key-words: Gay Identity. Language. School. Subjectivity. Memories.

(MEN)MÓRIAS³ 1: DO SILÊNCIO AO SOM... BABADOS, RENDAS E BROCADOS

A minha (auto)descoberta se iniciou num coletivo pluriatorial. Do vozerio raivoso e penetrante aos xingamentos estridentes, era como se eu ouvisse anunciarem: “viado à vista”, revelação-flagrante de minha dissidência sexual. O eu fez-se a partir da alteridade vozeada, pois “[...] não há Eu sem outro nem Eu sem mundo, e o mundo, evidentemente, é feito de muitos outros, ou um grande Outro.” (Alves; Liedke, 2023, p. 17). Assim, cada palavra rasgava o tecido da normatividade que tentava vestir, como se cada insulto costurasse mais uma camada de exclusão em torno de mim.

Diante dessa nudez, revelação e flagra de minha dissidência, o meu corpo tornou-se, para o outro, objeto-abjeto, esfera na qual roupa alguma esconderia a minha condição de criança *cuir*⁴ (Valencia, 2023). A cisheteronormatividade,

³ Estar na *cuiridade* e ser parte de seu fluxo é estar na entrelugaridade, lugar de intersecção e de trânsito. Na perspectiva da homossexualidade à qual me vinculo, o “ser *gay*” constitui-se na pluralidade de matizes que dialogam com múltiplas noções de gênero numa relação mestiça e múltipla.

⁴ A utilização do termo “*cuir*” em vez de “*queer*” reflete uma transformação geopoliticamente localizada e situada no Sul global. O “*cuir*” emerge como uma forma de afirmar identidades não normativas que se distanciam dos paradigmas hegemônicos e do imperialismo cultural associado ao uso de “*queer*” em contextos anglófonos.

variante modelar e hegemônica da sexualidade, interditou, aos gritos, a existência que queriam calar. O tabu e a proibição das expressões da existência *gay* me detinham numa cela que domava e re(domava) o menino-homem *cuir* com seus desejos exóticos e exógenos aos ditames heterotoponímicos, heterocartográficos⁵... Hétero sem Eros⁶; signo da interdição do homo(eró)tico em mim. Eu, todo corpo *cuir*, vestia-me com rendas invisíveis, onde cada fio de minha existência era puxado, esticado e rasgado pelas normas alheias.

É importante destacar que as violências que enfrentei foram cultivadas e ampliadas principalmente na escola, lugar que, em tese, deveria ser espaço de acolhimento e respeito à diversidade. No entanto, essa instituição se revelou como uma teia apertada, onde os preconceitos cisheteronormativos encontraram terreno fértil. Ali, minha vulnerabilidade foi usada como arma por muitos dos meus colegas, que, cientes (ou não) de minha fragilidade, perpetuavam insultos e deboches. Suas palavras penetravam de forma brutal, como agulhas afiadas rasgando a trama de minha subjetividade, e eu me via incapaz de reagir. Esse acúmulo de agressões, frente à minha impotência, só intensificou a sensação de inadequação e isolamento que me acompanhou ao longo de boa parte da minha formação.

Sob essa ótica, o ambiente escolar está estruturado em relações de poder nas quais os sujeitos dissidentes são colocados em posições de subordinação, e cuja busca por aceitação nos leva a (r)emendar nossas identidades e tecer novos padrões para os nossos corpos (Silva Filho, 2022). Essa adaptação, no entanto, não se dá sem custos. O processo de moldar nossas identidades e corpos, movidos pelo desejo de pertencimento, muitas vezes reforça a violência simbólica, prendendo-nos em tecidos frágeis que perpetuam ciclos de silenciamento e apagamento das subjetividades dissidentes. Corroborando com essa perspectiva, Corrigan (1991, p. 210) argumenta que "[...] o ambiente escolar é baseado em uma relação de poder na

⁵ A concepção de *topos* aplicada aqui refere-se ao modo como o corpo é representado e cartografado pelas imposições heteronormativas. O conceito de *topos* pode ser entendido como o espaço simbólico onde se definem e se negociam identidades e significados sociais. No contexto da heterocartografia mencionada, o corpo *cuir* é moldado e limitado por essas normas hegemônicas, que criam representações, e ao assim procederem, marginalizam e silenciam identidades não conformes. Assim, o "*topos*" do corpo *cuir* se configura como um espaço de confronto e imposição de barreiras simbólicas, refletindo as relações de poder que moldam e restringem a expressão e a existência desse corpo.

⁶ Eros, na mitologia grega, é o deus do amor, do erotismo e da paixão.

qual os sujeitos dissidentes ocupam o lugar não dominante. Dessa forma, na tentativa de sermos aceitos, moldamos a nós mesmos e aos nossos corpos.”⁷.

Dentro deste escopo social que tricota as individualidades e que é constantemente sedimentado por fatores históricos, culturais, sociais e políticos, há intensos processos de sexualização e generificação dos sujeitos, onde todos os corpos e as subjetividades que não atendem às normas passam a ter suas identidades consideradas ininteligíveis e são “[...] constituído[s] por meio da força de exclusão e abjeção que produzem um exterior constitutivo para ele um exterior abjeto que é, afinal, “interior” ao sujeito como seu próprio repúdio fundacional.” (Butler, 1999, p. 155-156).

A materialização das identidades acontece por meio de elementos linguísticos, em outras palavras, “[...] a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela” (Rajagopalan, 1998, p. 41). Sob esse viés, a encarnação das subjetividades⁸ se dá a partir dos atos de fala, nos quais, ao utilizar a linguagem, não apenas se comunica uma ideia, mas também se faz algo. Assim, as identidades dissidentes, frequentemente marginalizadas no espaço escolar, encontram-se tecendo suas palavras em silêncios forçados, onde a linguagem, ao invés de incluir e pluralizar, costura em *overlock* o fio da subjetividade, encarcerando a franja e o desfiar. O ambiente escolar, ao reproduzir e reforçar normas cisheteronormativas, limita a expressão das subjetividades que não se conformam a esses padrões. Então, as identidades *cuir* são, não apenas silenciadas, mas também deslocadas para um espaço simbólico de exclusão e repressão. Os atos de fala e os contextos sociais que moldam essas identidades, ao invés de servir como um meio de inclusão e reconhecimento, frequentemente acabam sendo ferramentas de controle e opressão, perpetuando a marginalização desses sujeitos. Máquinas de *overlock* em ação.

O corpo exerce um papel tão importante quanto a língua nessa trama discursiva, visto que é a partir dele (mãos, aparelho fonador, sistema respiratório,

⁷ “[...] *the School environment is based on a power relationship in which dissident subjects occupy the non-dominant place. In this way, in an attempt to be accepted, we shape ourselves and our bodies.*”
Tradução nossa.

⁸ A ideia de subjetividade aqui não se restringe apenas aos sujeitos dissidentes, mas à característica inerente de todos os sujeitos.

sistema articulatório etc.) (Borba, 2020) que os atos de fala acontecem. Esse entendimento ressalta que o corpo não é apenas um suporte passivo, mas o *tear* onde o discurso é tramado. Endossando esse pensamento, Pinto (2012, p. 105) afirma que “[...] o ato de fala exige o corpo. O agir do ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo.” Assim, a relação entre língua e corpo entrelaça-se em uma narrativa onde a presença do sujeito molda o que é dito e o que é silenciado.

É importante salientar que o silêncio é, conseqüentemente, entendido como altamente performativo (Sedgwick, 1990), pois, mesmo sem falar, executamos ações corporificadas, tecidas nos gestos e olhares. Isso sugere que o silêncio, como uma forma de expressão, também carrega significados e efeitos, refletindo o poder do corpo na construção e na interpretação do discurso.

Nesse contexto, meu silêncio enquanto criança *gay* na escola se torna um ato performativo que revela as tensões e dinâmicas de poder presentes nesse ambiente. Ao não me expressar abertamente, a ausência de palavras não significa falta de identidade; pelo contrário, essa estratégia carrega um peso significativo. Meu silêncio de criança *gay* na escola tornou-se um ato de resistência tecida frente às tensões e dinâmicas de poder que o ambiente escolar reforçava. Esse silêncio, uma tentativa de esconder o fio da dissidência, o desfiar, era ao mesmo tempo uma forma de proteção e uma maneira de manter a integridade de minha subjetividade, enquanto os fios de minha existência tentavam não ser desfeitos. Assim, esse silêncio se entrelaça com as práticas de expressão e identidade, destacando como as experiências de exclusão e aceitação moldam a vivência e compreensão do corpo e do discurso.

Embora todas as experiências estivessem mergulhadas em um caldo de desolação e raiva, a atitude de passividade dos/as professores/as foi particularmente impactante. O silêncio diante das ofensas era tão ensurdecador quanto as navalhas afiadas nas palavras dos meus colegas, fazendo com que eu sentisse que estava completamente só. A falta de intervenção me levou a questionar em quem eu poderia confiar, especialmente quando uma figura de autoridade na escola não representava proteção; meus vínculos com amigos/as eram tramas frágeis e cheias de buracos, e a incerteza sobre como minha família reagiria, caso eu

revelasse minha orientação sexual, apenas aumentava minha sensação de isolamento.

Em meio a essa atmosfera sufocante, minhas poucas tentativas de transgressão – de romper a redoma que me aprisionava – eram imediatamente reprimidas. Um episódio marcante deu-se quando, durante o intervalo, me tranquei na sala de aula e subi na mesa da professora para dançar. Aquele momento de breve liberdade me preencheu com uma sensação de prazer proibido, de tocar naquilo que sempre me disseram ser impróprio. No entanto, essa liberdade foi rapidamente esmagada pela vice-diretora, que não apenas me flagrou em cima da mesa, mas, curiosamente, focou sua repreensão no fato de eu estar dançando uma música da Companhia do Calypso⁹ de maneira que, para ela, era inadequada. Como se a dança e a música fossem expressões atreladas aquilo que é interdito ou que foge das normas cisheteronormativas, ao invés de uma manifestação da alegria reprimida que tentava florescer.

Esses momentos deixaram claro que a escola, como um Aparelho Ideológico de Estado (Althusser, 1983) endossava, de forma explícita e implícita, os padrões cisheteronormativos que determinavam como eu deveria me comportar, falar e existir. Ainda que algumas atividades pontuais tentassem abordar questões de gênero, a instituição escolar reforçava, em suas práticas cotidianas, a ideia de que homens e mulheres (ignorando todas as outras identidades de gênero) deveriam seguir papéis rigidamente normatizados. Essa constante vigilância e repressão contribuíram para que eu me visse como uma anomalia, ocupando o lugar que me foi imposto por uma sociedade que se recusa a aceitar aquilo que des(a)fia a cisheteronormatividade.

Quando, finalmente, cheguei à adolescência e comecei a entender meus próprios desejos, percebi que minha atração por meninos ainda era uma ameaça, não apenas social, mas também familiar. O medo de maiores retaliações e a possibilidade de ser expulso de casa me faziam sufocar qualquer impulso de me

⁹ A banda Companhia do Calypso é associada à comunidade LGBTQIA+ por sua estética vibrante, performances marcadas por coreografias e figurinos extravagantes, além de temas de liberdade e emoção que dialogam com experiências de afirmação e resistência comuns entre esses sujeitos.

assumir¹⁰ como *gay*. Nesse cenário, a noção de identidade *gay* não se limitava a uma questão de desejo, mas envolvia a construção de um comportamento, de um modo de ser que eu ainda não sabia como habitar (Borges, 2009).

Esse pavor era exacerbado pela influência religiosa, que tecia minha percepção de mim mesmo como algo intrinsecamente errado. A doutrina católica que eu seguia apontava a homossexualidade como uma desordem moral (CNBB, 2000), reforçando o sentimento de culpa e vergonha. O catecismo institucionalizava o preconceito, legitimando uma narrativa de condenação que fazia com que eu me sentisse vigiado, até mesmo por Deus. A ideia de ser alvo de desaprovação divina me acompanhava o tempo todo, intensificando meu complexo de vigilância e autopolicimento, não apenas em espaços públicos, mas também em momentos de introspecção.

Adentrando por esta espiral letal em que a “norma precisa ser constantemente reiterada por meio da contínua exclusão desses sujeitos-abjetos para assumir uma aparente consistência” (Lima, 2021), nota-se a epistemologia do armário (Sedgwick, 1993), conceito que tenta explicar como as pressões socio-histórico-culturais costuram uma fronteira rígida entre cisheternormatividade e identidades sexuais e de gênero não normativas, relegando essas identidades à invisibilidade e negação, além do impacto que esse binarismo tem na forma como a sociedade constrói e destrói os conhecimentos e as identidades.

Durante muito tempo, tentei me enganar, vestindo a fachada de tipicidade, chamada pelo mundo cishetero de “normalidade”. A paixão platônica, cuja idealização era desprovida de conotação sexual ou física, por uma colega de escola foi, talvez, a maior das fábulas que tentei contar a mim e aos outros. Era uma tentativa desesperada de desviar a atenção de mim, de fazer com que as pessoas vissem em mim o que queriam ver – um garoto cis marchando ao redor da cisheternormatividade. Hoje entendo que aquele gesto era uma estratégia de sobrevivência, uma forma de evitar ser o alvo constante dos olhares e comentários alheios.

¹⁰ A noção de “assumir” aqui não deve ser interpretada como a confissão de algo considerado errado, mas sim como um processo de libertação e afirmação da minha sexualidade.

Minha trajetória de aceitação foi profundamente marcada pelo que Godoi (2019) chama de desamparo cultural, isto é, ausência de referências positivas de identidades não-conformes. Essa ausência impediu que, ao longo da minha infância e adolescência, eu pudesse me enxergar de forma plena. Essa falta de representações criou um vácuo de identidade, um espaço de não-existência que reforçava a ideia de que eu não pertencia a lugar algum. Esse desamparo cultural dificultou meu processo de autoconhecimento, prolongando meu sofrimento e adiando minha aceitação.

Foi apenas por volta dos meus 15 anos que comecei a ressignificar o “armário”. Ao contrário da ideia de ruptura, percebi que o armário podia ser um espaço de proteção estratégica, como propõe Silva Filho (2022). A saída do armário não era um evento único, mas um processo contínuo, em que eu podia escolher quando e como revelar meus desejos. Essa compreensão me permitiu transformar o armário de uma prisão para um refúgio ocasional, onde eu podia me resguardar quando necessário.

Essa reconfiguração do armário foi fundamental para que eu continuasse a trilhar meu caminho para além da cisheteronormatividade. Mesmo que, em muitos momentos, fosse necessário retornar ao armário para garantir minha segurança, a jornada para fora dele se tornava cada vez mais assertiva. Ao deixar os muros da escola para trás, as feridas que essas instituições me deixaram também vieram comigo, especialmente em relação à língua, pois associei, ainda que inconscientemente, a minha primeira língua a um lugar de trauma, já que era o mesmo código usado para me atingir.

Para além disso, esse processo trouxe à tona um bloqueio significativo em minha expressão na língua portuguesa. Essa língua, que deveria ser uma ferramenta de comunicação, conexão e construção, tornou-se um símbolo de violência e opressão, dificultando meu acesso a uma identidade plena e autêntica. A associação entre o português e as experiências traumáticas que vivi me fez hesitar em utilizá-la, como se cada palavra fosse um lembrete das feridas do passado.

Esse bloqueio impactou profundamente meu processo de subjetivação, pois a língua é essencial na construção e na afirmação de quem somos. Assim, minha luta para me expressar em português tornou-se também uma luta para redefinir minha

relação com essa língua e, conseqüentemente, com minha própria identidade, buscando ressignificá-la como um espaço de empoderamento e não de dor.

A opressão sofrida por aqueles que fogem às normas da cisheteronormatividade molda a maneira como se percebem e interagem com o mundo. Insultos, olhares de reprovação e silenciamento permeiam a construção da identidade desde cedo, transformando a própria noção de existência em uma luta cotidiana. Esses insultos e agressões, que atacam não apenas a sexualidade, mas também a linguagem com a qual nos expressamos, tornam-se feridas invisíveis que afetam profundamente a relação com sua língua materna. O vocabulário da violência se entrelaça à gramática da opressão e cria um espaço no qual língua, corpo e desejo são constantemente monitorados e punidos.

Destrinchando as camadas de renda que (des)cobrem as identidades dissidentes e não conformes, é possível notar que algumas narrativas se encontram como nós e fios que se atravessam despreziosamente como uma cortina de macramê e desembocam em cordões soltos, independentes, únicos, em outras palavras, a história de identidades estigmatizadas têm muitos pontos em comum, mesmo que essas histórias sejam pessoais. Corroborando com essa ideia, Goffman (2004, p. 30) argumenta que

As pessoas que têm um estigma particular tendem a ter experiências semelhantes [...] relativa à sua condição e a sofrer mudanças semelhantes na concepção do eu - uma "carreira moral" semelhante, que não só causa como efeito do compromisso com uma sequência semelhante de ajustamentos pessoais.

Nesse contexto, fica clara a urgência de reflexões languageiras que explorem as intersecções entre opressão, sexualidade e gênero. A linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um espaço de contestação e poder. Entender como a opressão afeta as maneiras pelas quais sujeitos dissidentes se apropriam da linguagem – ou se distanciam dela – é essencial para desvendar os mecanismos pelos quais as normas sociais moldam e controlam corpos e subjetividades. Refletir sobre essas opressões no campo da linguagem não é, portanto, apenas um ato de resistência, mas também uma tentativa de reescrever novas narrativas e contar outras memórias. Reescrevê-las, portanto, é desamarrar a narrativa das sujeições e

subordinações que, ao recontarem/retecerem, no corpo e na língua, abrem espaço para o dissenso como vetor para o diálogo e para histórias retecidas, ressignificadas.

(MEN)MÓRIAS 2: DESFAZENDO LÁGRIMAS E RETECENDO RISOS...BABADOS, XOTES E XAXADOS

Nascida na corporalidade *gauche*, forjada e formada em corpo *cuir*, a professoralidade em mim fez-se e faz-se no jogo de uma *mise-en-scène insone*¹¹. Tal atuação, nasce, nos anos iniciáticos, como arre(medo) de cisheteronormatividade, simulacro hétero de puro concreto. Simulacro sem o lacre multicolor de uma performatividade *gay*; apenas o ocre tom de terra seca. Assim, a maquinaria ideológica da escola, construto pretensamente padronizador e homogeneizador de identidades, se põe, ainda hoje, como um dos tentáculos ideologizantes da mesmidade em oposição à diferença, do padrão instituído em desfavor do não-padrão, do *Status quo* como opressão do *Status cuir*.

É nessa capilaridade de mesmidade ideológica, vista e vivida na escola que se potencializam e retroalimentam as máquinas pasteurizadoras da diferença, isto é, a religião e a família como as faces complementares da esterilização e consequente padronização da diversidade. É nessa ideia arquetípica dos Aparelhos Ideológicos de Estado, de que nos fala Althusser (1983), família, escola, religião, entre outros, que se lançam as bases performativas para aquilo que o aparato ideológico padronizador estabelece como existência linguística e paralinguística. Como se percebe, à língua e ao corpo - ao *corpo-língua*-, são endereçadas as imposições repressivas e normativas de uma performance que se quer branca e cisheteronormativa, logo, silenciadora daquilo que se é, do que, e de como se pode dizer.

Nesse sentido, a interdição, é o *press-button* da maquinaria de cisheteronormatividades, liquidificador de *linguocorporalidades*. Corpo e língua, são, nesse sentido, o entrelace inseparável para a construção das subjetividades e

¹¹ Como *mise-en-scène insone* compreendo os processos languageiros das atuações verbo-corporais utilizadas pela professoralidade *gay* em seus modos de represar-se ou de liberar-se em sua performance docente.

dos modos como opera a norma que é binária, generificante e sexualizante. Em retrospecto memorialístico de criança nascida no final dos anos 1970, pinço a seguinte imagem de família a liquidificar a minha subjetividade: uma boneca Emília¹² desmanchando-se e sendo desmanchada numa bacia d'água pela mão da mãe e diante da mina d'água de meu olho pranto. Como representante imediata dos aparelhos do estado pasteurizador, os aspectos do materno, do paterno e do fraterno, convertem-se como potenciais representantes da supressão/repressão de identidades e construção de performatividades idealizadas. Brincar com a boneca de minha irmã, e já sendo lido como criança *cuir*, impuseram a mim a interdição do ser e do dizer. A língua-corpo precisou concretar-se para existir numa outra língua-corpo possível; a língua-lábua de simulacro, a língua-lábio de corpo rijo, a lábua e o lábio de uma performance conforme.

Os aparelhos ideológicos, portanto, se constituem como as máquinas de *tear*¹³ daquilo que se instituiu como tecido social-ideal. Em outras palavras, é viável dizer que nessa tecelagem do social prevalecem os privilégios e a promoção da humanidade apenas para as subjetividades hegemônicas. Como dito anteriormente, ser homem, branco, cisgênero, e do norte global são elementos ainda tomados como moeda forte e corrente nesse pacto social de excludência, invisibilização e esterilização das alteridades dissidentes do pacto macho-branco-colonial.

É em meio a esse contexto de glamourização cisheteronormativa com todas as outras normas que lhe são embutidas¹⁴ que se pratica o banimento da *cuiridade* e o recalque de seu dizer, de seu discurso... Percurso natural de seu dizer-fazer¹⁵. A sala de aula, e em especial, a sala de aula de língua inglesa, legou para mim a possibilidade de perlaboração¹⁶ a partir de meu dizer, caminhada errática de aprendiz da metalinguagem e de minha própria subjetividade de professor *gay*,

¹² Personagem de Monteiro Lobato, popularizada na literatura e teledramaturgia com forte apelo entre as crianças, tendo sido comercializada com grande sucesso.

¹³ A expressão *tear* aqui trará os usos polissêmicos da língua inglesa, haja vista que o vocábulo corresponde, ao mesmo tempo, à máquina fabril de tecelagem, ao substantivo lágrima e ao verbo rasgar.

¹⁴ Branquitude, classe, lócus de origem, ideal de macheza.

¹⁵ Baseio-me aqui na propositura performativa dos atos de fala de Austin (1962) para quem dizer é fazer.

¹⁶ (Durcharbeitung) (FREUD, 1914/1996, p. 171). Termo da psicanálise com flagrante associação aos atos de fala, performatividade e agência, presentes no corolário austiniano. A perlaboração, nesse sentido, relaciona-se ao processo de compreensão de si no fluxo de reelaboração/cura emocionais.

mestiço e baiano. Por esta fresta desinterdito e desconcreto a professoralidade *gay*. Por esta fresta, tomo a palavra como a lavoura libertária para a emancipação do *self cuir*. A esse respeito é possível considerarmos que

[...] no atual cenário de liquefação pós-moderna no qual nos situamos, *lócus* em que se assume o Outro como subjetividade de fronteiras porosas, torna-se fundamental a assunção desse sujeito não mais como uma identidade de contornos estáveis nos moldes cartesiano iluministas, mas, ao invés disso, como uma (des)identidade, isto é, um movimento que contraria as determinações metafísicas relacionadas a questões tão variadas quanto os aspectos de gênero e etnia. (Figueiredo Neto, 2016, p. 238).

Dito isso, perlaborar, ou seja, retecendo-se e refazer-se na língua, é trilha aberta para a constituição de novas caminhadas na vida e no discurso, no fazer e no dizer da professoralidade *gay* que, ao assenhorear-se de si, se liberta e liberta. Ao medrar na assunção de si, ao desrecalcar a identidade *gay*, se pratica a derrubada de muros-medos e se promove a ruptura com o hegemônico-colonial. Por esta vereda, torna-se fundamental a admissão desse corpo-língua professor(a) como *performer* mobilizador(a) do respeito às alteridades da sala de aula nas especificidades identitárias que se dão na língua e para além da língua. A esse respeito, adiro à afirmação de que “[...] não basta ser professor de Língua Estrangeira, é preciso pessoalizar/humanizar a entidade que se pensa e que se faz neutralizar diante do torvelinho das subjetividades da sala de aula” (Figueiredo Neto, 2016, p. 239).

Por esta compreensão que é perlaborativa e emancipatória, é preciso admitir que as salas de aula são terrenos de não-neutralidade e, portanto, representam o *lócus* da tomada de posição e de engajamento nas cenas do ensino. Essa mobilização torna-se, então, “[...] rota de fuga que desagrega o interdito na língua e inaugura o *inter-dito*, isto é, o dizer relacional que, ao desterritorializar, abre caminho para o desejo, o jogo no discurso e, conseqüentemente, a produção de sentidos” (Figueiredo Neto, 2019, p. 128).

A partir desse *working-through*¹⁷ da perlaboração, mobilização linguageira da qual não podemos abrir mão, torna-se central a prática de políticas linguísticas que são também políticas de corporalidades e da assunção das alteridades *cuir* em seus atos verbo-corporais. A perspectiva jocosa que se apregoou como signo de

¹⁷ O fazer acontecer.

troça e escárnio direcionados às subjetividades *cuir* se desarticulam e desvanecem quando, e somente quando, transpomos a barreira da interdição. É pela palavra, na plenitude do ato enunciativo, que se transforma o jocozo em jo(gozo), já gozo; jogo que se joga sem arbítrio da colonialidade. É gozo que jorra no fluxo das intersubjetividades; redes de relações, festa de afetos e afetividades.

Quando as máquinas de tear das *linguocorporalidades* deixam de ser rocas de fiar, quando deixam de ser maquinaria de ideologizações hegemônicas de adormecimento e lágrimas (*tears*), elas ascendem à condição de rota. Elas rasgam (*tear*) e irrompem em riso e movimento. Elas retecem, refazem e inauguram novas enunciações possíveis, novos fios para uma nova tecelagem... Festa linguageira da professoralidade *cuir*, ação que é tecido e dança, que é franja, que é des(a)fiio, babados, xotes e xaxados.

REFERÊNCIAS

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos de Estado: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE)*. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- ALVES, A.; LIEDKE, L. *Vibes em Análise: psicanálise para escutar as vibrações da cultura contemporânea*. São Paulo: Editora Nacional, 2023.
- BORGES, K. *Terapia afirmativa: uma introdução à psicologia e à psicoterapia dirigida a gays, lésbicas e bissexuais*. São Paulo: Edições GLS, 2009.
- BORBA, R. Linguística queer: algumas desorientações. In: BORBA, R. (Org). *Dicursos tranviados – por uma linguística queer*. São Paulo: Cortez Editora, 2020.
- BUTLER, J. "Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo". Em: Louro, G. (Org). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- CORRIGAN, P. R. D. The Making of the Boy: Meditations on What Grammar School Did With, To, and For My Body. In: GIROUX, H. A. C. *Postmodernism, feminism, and cultural politics: redrawing educational boundaries*. New York: State University of New York Press, 1991, p. 196 – 256.
- CNBB. *Catecismo da Igreja Católica*: Edição Típica do Vaticano. São Paulo: Ed. Loyola, 2000.

FIGUEIREDO NETO, R. B. *Are you married teacher?* Estratégias enunciativas sobre como tirar do armário. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 6, n. 2, p. 237-251, jul-dez. 2016.

FIGUEIREDO NETO, R.B. *Englishing*: investigando professores de Língua Inglesa em (perform)atividade no Sertão dos Tocós. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) - Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 243.2019.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, RJ: Imago v. 12, 1996, p. 159-172.

GODOI, R. O cômico na performance artística de Ney Matogrosso. *Dossiê Gênero, memória e cultura*, Vol. 8, n. 2., jul-dez. 2019.

GOZATTI, C.; KOLINSKI MACHADO, F. V. Notas sobre o espalhamento da criança viada na cultura pop digital brasileira. *Periódicus*, Salvador, n. 9, v. 1, mai-out. 2018.

GOFFMAN, E. *Estigma* – notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

LIMA, V. M. A subversão pelos dejetos. *Revista Cult*, São Paulo, ed. 270, 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/a-subversao-pelos-dejetos/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

PINTO, J. P. Performatividade radical: ato de fala ou ato do corpo? *Gênero*, v. 3, n. 1, p. 101-110, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rg.v3i1.260>. Acesso em: 05 ago. 2024.

RAJAGOPALAN, K. O conceito de identidade em Linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?. In: SIGNORINI, I. (org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

SEDGWICK, E. K. Epistemology of the Closet. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. *The lesbian and gay studies reader*. New York/London, Routledge, 1993.

SEDGWICK, E. K. *Epistemology of the Closet*. Berkeley: University of California Press, 1990.

SILVA FILHO, C. J. ~~Não~~ recomendado: reflections on gender, body and language learning among undergrads in an ela course. Monografia (Graduação em Letras – Língua Inglesa e Literatura) – Universidade do Estado da Bahia. Conceição do Coité, 2022.

VALENCIA, S. Do Queer ao Cuir: Geopolítica do estranhamento e Epistêmica do Sul Glocal. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v.36, n.1, jan./jun. 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v36n1-2023-3>